

ANDRÉ LUIZ DA SILVA

**A ARTE AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS,
COMO VEÍCULO CULTURAL E RESGATE DA IDENTIDADE**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

BELO HORIZONTE

2011

ANDRÉ LUIZ DA SILVA

**A ARTE AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS,
COMO VEÍCULO CULTURAL E RESGATE DA IDENTIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Natália Martins Carneiro

BELO HORIZONTE

2011

Silva, André Luiz

A Arte Afro-brasileira no Ensino de Artes Visuais, como Veículo Cultural e Resgate da Identidade: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / André Luiz da Silva. – 2011
45 p.

Orientador (a): Natália Martins Carneiro

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Carneiro, Natália Martins II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. Título.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A Arte Afro Brasileira no Ensino de Artes Visuais, como veículo Cultural e Resgate da Identidade*, de autoria de *André Luiz da Silva*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador(a): Natália Martins Carneiro – EBA/UFMG

Membro da Banca - Origem

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

É uma tarefa difícil enumerar e agradecer todos aqueles que contribuíram, direta e indiretamente, para que eu pudesse participar e concluir este curso. Sou grato a Deus pela disposição nas idas e vindas feitas em segurança. Aos meus familiares pelo apoio moral; aos colegas de curso pelos vários momentos agradáveis, principalmente à Nathanaela, Luciana e Gustavo. Sou grato aos tutores pela disposição em ensinar, em especial, agradeço a Maria José Boaventura, pelos grandes e pequenos gestos de atenção, doçura, cuidado, gentileza, cobrança e compreensão, que contribuíram para aproximar todos em um curso que é à distancia. Agradeço à minha orientadora Natália Martins Carneiro por colocar ordem no novelo de ideias que recebeu de mim, e, com suas dicas, torna-las um fio compreensível em tempo relâmpago. Agradeço à minha esposa Tânia que me incentivou e esperou comigo este momento, me apoiando e acreditando em mim.

“É o sonho que obriga o homem a pensar”
Milton Santos

“A obra de arte situa-se no ponto de encontro entre o
particular e o universal da experiência humana.”
PCN de Arte

RESUMO

O seguinte trabalho é um diálogo entre a cultura afro-brasileira e as artes visuais, como forma de construir conhecimento e uma didática plural no Ensino de Arte nas escolas. O trabalho procura ressaltar a importância da pesquisa contínua por parte do arte/educador e do arte/educando para compreender melhor as várias propriedades da arte, uma delas a de suporte cultural. Ao se verificar o caráter fluido e, muitas vezes, transitório dos elementos que sinalizam o objeto artístico, foi feito um resgate da história e do valor da cultura afro-brasileira expressos nas várias modalidades das artes visuais. Em seguida, foi proposto um projeto teórico, onde afro-brasilidades e artes visuais estão em simbiose no resgate da identidade sócio-cultural dos arte/educandos.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Cultura Afro-brasileira, Identidade cultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Arthur Bispo do Rosário – Alguns dados do ilustre desconhecido.....	11
Figura 2 - Manto da Apresentação, de Arthur Bispo do Rosário.....	11
Figura 3 - Escultura Angolana “O pensador”	15
Figura 4 - Rotas do Tráfico Atlântico. Calendário 2006: Meu Brasil Africano.....	23
Figura 5 - Festa de Nossa Senhora do Rosário	27
Figura 6 - Zumbi dos Palmares.....	32
Figura 7 - Machado de Assis – Fotografia Instituto Moreira Salles.....	32
Figura 8 - Capa do livro: Uma Visita ao Museu Afro Brasil.....	41

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1. Artes Visuais: Pesquisar para Conhecer, Conhecer para Ensinar.....	11
1.1. Como definir Arte?.....	15
2. Cultura Brasileira e Arte Afro-Brasileira.....	23
2.1. Brasil – África Matrizes da cultura na arte.....	27
3. A Arte Afro-brasileira no Ensino de Artes Visuais: a construção de um projeto de ensino.....	32
3.1. A Construção de um projeto de ensino.....	35
Considerações finais.....	43
Referências.....	45

Introdução

O ponto de partida para uma pesquisa é a inquietação causada por alguma questão que está diante do sujeito ou faz parte da realidade em que ele está inserido. A inquietação que deu origem a esta monografia diz respeito, em primeiro lugar, ao ensino/aprendizado em Artes Visuais e ao tratamento que esta disciplina recebe nas escolas. Como a maioria dos educadores de Arte, segundo a Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel (1990, p.12) "não trabalha com uma área do conhecimento considerada nobre", acabam por não dar a devida atenção ao seu ensino e, assim, não se empenham em se aperfeiçoar e aprofundar seus conhecimentos nestes conteúdos. Em segundo lugar, o interesse por esse estudo se faz porque no meio acadêmico é relativamente recente a pesquisa em ensino de Arte, até mesmo devido o pouco reconhecimento dessa área pela escola e pela sociedade.

Fazendo coro e unindo forças ao crescente grupo de pesquisadores, este trabalho pretende ser um ponto de reflexão mediado por um diálogo artístico/étnico/cultural onde se pretende examinar, de forma sucinta, o valor da Arte Afro-Brasileira na identidade e na formação da cultura brasileira, como base para o Ensino das Artes visuais dentro das escolas.

Este trabalho pretende localizar e resgatar a cultura afro-brasileira no cenário nacional, por meio das artes visuais, no passado e na contemporaneidade, de maneira que seu valor, nas artes com essa temática, seja reconhecido como construtor de conhecimento e como um dos símbolos e/ou elementos compositores e representativos da identidade do nosso povo. E as reflexões feitas a partir deste trabalho serão como um caminho do meio entre artes visuais e cultura afro-brasileira para que possa enriquecer o Ensino de Artes visuais nas escolas. A monografia será feita por meio de revisão bibliográfica. Não será elaborada nenhuma prática nem pesquisa de campo.

O primeiro capítulo ressaltará a importância da pesquisa para a construção do conhecimento e aperfeiçoamento do arte/educador e arte/educando, e também vai tentar traçar alguns contornos do que é arte, na visão de Jorge Coli.

O segundo capítulo confirmará o valor e a riqueza dos elementos culturais africanos na cultura brasileira, expressos nas artes visuais, de forma a justificar o ensino transversal da temática africana nas aulas de artes visuais.

O terceiro e último capítulo proporá um projeto artístico cultural, embasado no CBC, no PCN e na proposta triangular de Ana Mae, mostrando a possibilidade de realização do diálogo proposto ao longo de todo o trabalho.

1. Artes visuais: Pesquisar para Conhecer, Conhecer para Ensinar

Arthur Bispo do Rosário foi um artista de vanguarda, que passou mais de cinquenta anos dentro de um manicômio dividindo opiniões sobre seu trabalho ser ou não considerado arte. Este, entre muitos outros, é um exemplo de artista que a pesquisa não pode deixar anônimo no Ensino de Artes Visuais.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE (Ministry of Education and Health)
SERVIÇO NACIONAL DE DOENÇAS MENTAIS (National Mental Disease Service)
COLÔNIA JULIANO MOREIRA (Juliano Moreira Colony)

FICHA DE DOENTE
(Patient record)

NOME: **ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO**

Idade: **27 anos** (27 years)

Côr: **preta** (black)

Classe: **indigente** (indigent)

Entrada: **6 de janeiro de 1939** (6 January 1939)

Matrícula: **01662**

Diagnóstico: **esquizofrenia paranoide** (Schizophrenia - Paranoid)

Saldo: _____

Falecimento: **5 de julho de 1989** (5 July 1989)

FIGURA1 - Arthur Bispo do Rosário – Alguns dados do ilustre desconhecido

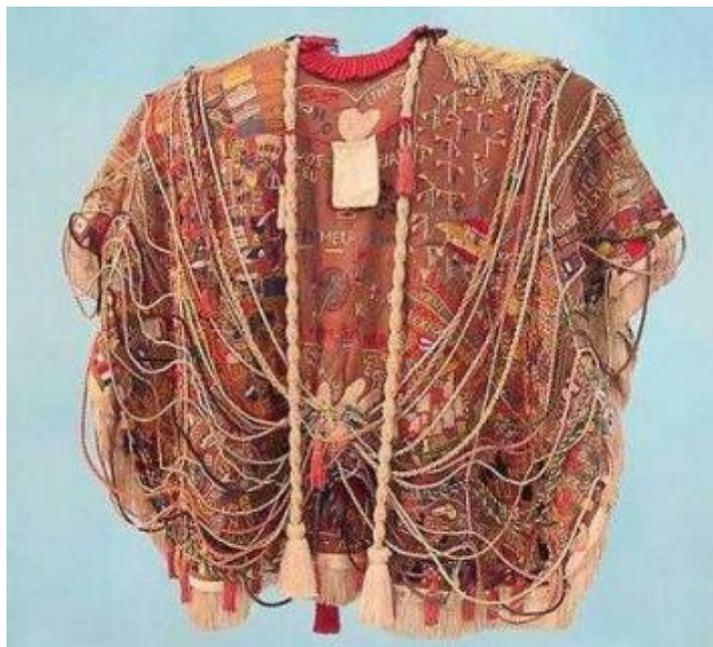


FIGURA 2 - Manto da Apresentação, de Arthur Bispo do Rosário

As imagens acima, que ilustram a introdução deste primeiro capítulo, apresentam alguns dados de Arthur Bispo do Rosário e uma de suas produções, não há intenção em discorrer sobre a biografia e as produções deste artista, mesmo sabendo que produziriam uma rica discussão. Ele foi escolhido por se tratar de um artista afro-descendente cujas produções são de grande relevo no contexto das artes visuais com temática africana, e que, por ter estado no anonimato por muito tempo ilustra a importância da pesquisa como forma de desvelar este e outros artistas pouco conhecidos. A história e o trabalho destes artistas podem fazer parte do cotidiano das salas de aula, mas precisam ser levados pelos arte/educadores, que poderão “contextualiza-los historicamente,” proporcionar aos alunos a “contemplação” de suas obras e conduzi-los a “fazer” suas próprias obras de arte.

A “proposta triangular” desenvolvida por Ana Mae Barbosa ainda é uma das bases mais importantes na construção do conhecimento em Arte-educação. Esta proposta consiste em uma abordagem que destaca a “contextualização histórica, o fazer artístico e a contemplação artística” (BARBOSA, 1990, p.17).

Pensar Artes Visuais, a partir dos estudos realizados neste curso, torna-se claro que “o fazer, o ensinar e o aprender” são ações processuais, no sentido de que tanto o arte/educador quanto o educando devem permanentemente buscar e manter um hábito de constante pesquisa, a fim de enriquecerem suas experiências de ensino/aprendizagem específicas. Sendo ações processuais (fazer, ensinar e aprender) não devem ser finalizados apenas no momento de interação artista/obra, obra/professor, professor/aluno/obra. Estes processos devem se mesclar, interagir e se comunicar de forma que possam produzir reflexão, experiência prática e conteúdo, no construtor e no aprendiz, seja aluno, professor e/ou artista.

Estes fatores citados acima podem contribuir incomensuravelmente para o ganho de conhecimento no âmbito das artes visuais e arte educação. As pesquisas, discussões e trabalhos na área da educação sobre o conhecimento em artes visuais já produzem resultado, no entanto, estes saberes podem constituir um obstáculo ao arte/educador, pois ao se deparar com um grande número de informações, movimentos, estilos, recursos e técnicas, pode fazer com que ele se perca em meio a tantos conteúdos e não alcance o objetivo na construção do conhecimento. O uso do método mais adequado diante de cada situação específica vai exigir do educador muita flexibilidade, pois a própria arte tem uma propriedade metamórfica, ou seja, o conhecimento que ela encerra vai se moldando de acordo com o movimento do

artista, com a penetração do olhar do observador e com o acréscimo e a interferência que causa na realidade em diferentes momentos históricos. Então surge a necessidade de constante pesquisa e aperfeiçoamento.

Ao mediar o conhecimento o arte/educador deve tentar reproduzir para o educando os passos dados pelo artista no processo de criação, sempre contextualizar e conscientizá-lo de que ao produzir arte, o artista se auto produz, e o observador ao penetrar em uma obra é penetrado por ela.

Uma forma interessante de proporcionar ao arte/educando um aproveitamento consistente de aprendizado é fornecer a ele ferramentas de interação ou interpretação dos objetos artísticos; conceituar movimentos, períodos, estilos, técnicas; conhecer os artistas e suas ideias; exercitar *in loco* a percepção cognitiva do educando, para que ele, em contato direto com as obras, aprenda a ter critérios técnicos de observação e a significar objetos artísticos e não artísticos, além de poder expandir os critérios de sua percepção.

As pesquisas realizadas em ensino de arte visual, segundo Sandra Rey (2002) procuram refinar os métodos do educador em relação ao aprendizado do educando. Ao realizar estudos e pesquisas no ensino de artes visuais, o educador tem a oportunidade de realizar um diálogo entre as práticas pedagógicas do seu dia a dia com as várias teorias educacionais estudadas, analisar a realidade de suas salas de aula e desenvolver o melhor método para obter um resultado mais satisfatório com cada um de seus alunos. Além disso, o arte/educador tem a oportunidade de enriquecer e atualizar seus conhecimentos em relação a crítica, a história e as teorias surgidas nessa área de conhecimento. Desta forma, o arte/educador estará mais consciente das transformações ocorridas ao longo do tempo, terá uma maior consciência em relação ao presente e poderá se preparar melhor para as divergências e mudanças do futuro, mesmo que sejam imprevisíveis.

As pesquisas em/sobre arte educação são a forma mais válida de assegurar a construção e continuação do conhecimento, sendo que é por meio da prática e da pesquisa, que alguns mitos serão quebrados, e como conseqüência, o ensino/aprendizado de artes visuais vai conquistar um espaço cada vez maior nas salas de aula e na vida cotidiana, de forma sólida e consistente.

Uma vez confirmada a necessidade e os benefícios de se pesquisar é preciso ter um norte, uma direção em que se possa avançar para desvelar o encoberto ou o novo, de maneira a produzir conhecimentos válidos e favoráveis a arte/educação.

Desde o início da vigência da Lei nº 10.639, em 2003/2004, os temas referentes à cultura afro-brasileira tornaram-se obrigatórios nos currículos do ensino fundamental e médio. Surge desta obrigação uma possibilidade de diálogo entre a cultura afro-brasileira e as artes visuais. A dialética entre esses saberes, pode gerar novos conhecimentos, tais como, o resgate de raízes, uma releitura das expressões contemporâneas, promover a diversidade cultural, e outros. Ao colocar em contato esses dois campos do conhecimento não se pretende nem usar a arte como meio de exposição da cultura afro-brasileira e nem esta como meio para os trabalhos em arte/educação, o que se pretende é estabelecer um diálogo de igualdade e correspondência por meio da pesquisa que pode ser transformada em prática.

Sandra Rey em artigo sobre metodologia da pesquisa em arte, finaliza seu texto da seguinte forma.

Finalmente, se, por um lado, a pesquisa *em* artes visuais deve ser realizada com toda seriedade, por outro, é o prazer da descoberta e da criação que faz avançar a pesquisa. Se não podemos perder de vista que os obstáculos são inerentes a ela, devemos ter confiança, pois a experiência acaba nos mostrando que, quanto mais obstáculos, melhor é a obra, mais relevante é a pesquisa. Um termômetro para sabermos se estamos trilhando o bom caminho é uma espécie de entusiasmo e alegria que toma o artista-pesquisador diante das descobertas e da abertura semântica que é mobilizada pelo processo de criação e pela pesquisa. (REY, 2002, p.123)

Cabe a nós, pesquisadores, pesquisar para conhecer e conhecer para ensinar, seguindo os conselhos acima e potencializando a pesquisa ao pesquisar, para que o resultado ou transformações propostas na pesquisa, ocorram primeiro em nós, pois só assim um trabalho pode gerar frutos.

1.1 Como Definir Arte?



FIGURA 1 - Escultura Angolana “O pensador”.

A imagem acima de uma estatueta angolana representando uma figura em constante meditação pode ilustrar a difícil tarefa de tentar definir esta temática tão vasta. Em uma monografia sobre o Ensino de Artes Visuais nas escolas é preciso se nortear em relação ao que, ou quando é arte, pois é grande a variedade de conceitos existentes.

As discussões sobre o que é arte ocupam espaço em centenas de livros e tratados, sem chegar a um consenso de critérios que possam ser aplicados em todas as obras, considerando a diversidade entre elas. Para vencer essa incógnita de definir o que é arte, poderiam ser usados vários autores, mas vou me ater ao que mais se aproxima da linha desta monografia.

Jorge Coli sinaliza para alguns pontos que merecem atenção e é através deste autor e do modo como ele discerne a arte que esse estudo aproximará dos sinais que indicam o objeto artístico e o diferem de outros objetos produzidos pela cultura, para que sejam melhor identificados no decorrer da monografia.

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto

de arte a um objeto. Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto. (COLI, 1995, p. 10)

De acordo com COLI o objeto artístico ou a obra de arte será validada pela *Cultura*, que vai reconhecer ou não, este ou aquele objeto; pelo *Discurso* que os especialistas criam sobre determinado objeto e pelo *Local* em que este objeto possa estar exposto ou localizado. Estes pontos são indícios de que um determinado objeto é considerado uma obra de arte. Mas essas considerações são impostas por nós que observamos e classificamos.

o "em si" da obra de arte, ao qual nos referimos, não é uma imanência, é uma projeção. Somos nós que enunciamos o "em si" da arte, aquilo que nos objetos é, para nós, arte (COLI, 1995, p.8).

O autor complementa essa idéia dizendo que:

o importante é termos em mente que o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, significando os objetos sobre os quais ela recai (COLI 1995, p. 11).

Os três pontos acima sinalizam os indícios para que um objeto seja considerado uma obra de arte. No entanto é possível questionar se um objeto eleito como obra de arte, tem igual valor artístico sob a luz destes instrumentos que o elegeram? COLI afirma que não, pois eles criam uma hierarquia entre esses objetos.

Mas esses instrumentos não se limitam a traçar uma linha divisória separando os objetos artísticos e os não artísticos; não se contentam em criar uma "reserva" de arte. Eles intervêm, por assim dizer, na disposição relativa dos objetos artísticos; pretendem ensinar-nos que tal obra tem mais interesse que outra, que tal livro ou filme é melhor que outro, que tal sinfonia é mais admirável que outra: isto é, criam uma hierarquia dos objetos artísticos. (COLI 1995, p. 12)

A existência desta hierarquia, entre os objetos considerados artísticos ou o valor do que é arte, pode variar com o tempo, mas é muito claro que em cada tempo, aqueles que são responsáveis por selecionar estes critérios, selecionam também o que vai ser excluído.

Isso nos aproxima do corpo central deste trabalho, que pretende fazer o resgate de uma forma de arte representada em elementos culturais secularmente descredibilizados do status de arte e relegados à margem dos discursos críticos sobre arte. Assim, a necessidade de se incluir no Ensino de Arte Visual a temática africana representada nas artes, promovendo seu resgate depois de tanta marginalização se faz mais do que urgente. Isto acarretou certo peso, pois COLI ressalta a importância da crítica como formadora das idéias e de hierarquias no seio da cultura.

A crítica, portanto, tem o poder não só de atribuir o estatuto de arte a um objeto, mas de o classificar numa ordem de excelências, segundo critérios próprios. Existe mesmo uma noção em nossa cultura, que designa a posição máxima de uma obra de arte nessa ordem: o conceito de obra-prima. (COLI 1995, p. 14)

Sabemos que este discurso sofre variações de tempos em tempos, de forma que, aquele objeto que antes estava no topo do que se entendia por arte, hoje pode ser julgado como objeto sem valor artístico ou figurar em escalas menos elevadas. Estes aspectos servem apenas para desorientar ainda mais uma formulação segura de hierarquia entre as artes.

São tantas as flutuações no tempo dos vários juízos sobre as artes, tantos os meandros traçados pelo que os italianos chamam de fortuna critica, isto é, pelos julgamentos da posteridade, que não sabemos mais a que nos ater. Por vezes, uma obra, um autor, parecem inabaláveis, como Homero, e eis que um grande nome da cultura, como Valéry ou Gide, traduzindo uma corrente de opinião, surge para afirmar que a **Ilíada** é insuportavelmente entediante (COLI 1995, p. 20).

Ele ainda completa da seguinte maneira:

Já podemos chegar a uma constatação deprimente: a autoridade institucional do discurso competente é forte, mas inconstante e contraditória, e não nos permite segurança no interior do universo das artes (COLI 1995, p. 21).

Ou seja, a diversidade dos discursos que elevam os objetos ou produções ao status de obra de arte não nos fornece uma base segura para que possamos nós mesmos definir e esclarecer o que de fato vem a ser uma obra de arte.

Diante de tantos impasses como poderíamos nos aproximar de uma definição segura do que vem a ser uma obra de arte?

Aumentando os pontos de referência, sobre uma definição de arte e das possíveis leituras do objeto artístico.

André Malraux, pensador francês contemporâneo que muito se preocupou com os problemas artísticos, construiu suas reflexões nas fronteiras desse "em si" e desse "para nós". Ele concebeu a idéia de um "museu imaginário", que seria a reunião de obras cujas afinidades não procedem da história, mas de uma subjetividade: um museu da subjetividade analógica. Nesse sentido, Malraux ilustra o ponto extremo a que chegou a ideia de arte "para nós": trata-se de uma seleção, intuitiva, de obras que não possuem relações evidentes entre si, que se encontram separadas no tempo e no espaço. Entretanto, Malraux não se perde no arbitrário porque — segundo ele — sua subjetividade tem o poder de descobrir a força artística que está nos objetos. Imanente. Em si (COLI 1995, p. 64).

Estaríamos mais seguros ao nos guiar pela subjetividade? Criando um "museu imaginário" e nele reunindo um acervo de obras com propriedades de transcender o tempo histórico, as linhas da cultura e os critérios estéticos pré-estabelecidos?

Talvez tal postura exigisse uma intuição aparada por conhecimentos muito vastos, correndo o risco de serem arbitrários ou negligentes, em relação à diversidade dos objetos produzidos por diferentes culturas. Portanto, não seria apropriado.

No entanto é preciso avançar e reunir mais pontos que possam iluminar a pergunta: o que é arte? Ou quando é arte?

Outra forma de validar a arte está ligada aos elementos externos ao sujeito, como pode confirmar Coli da seguinte maneira:

História da arte, crítica, museu, teatro, cinema de arte, salas de concerto, revistas especializadas: instrumentos da instauração da arte em nosso mundo. Eles selecionam o objeto artístico, apresentam-no ou tentam compreendê-lo — através deles a arte existe. São, como também a arte, específicos e indissociáveis de nossa cultura (COLI 1995, p. 63).

Estes elementos ou fatores podem nós fornecer uma referência mais concreta em relação a localização dos objetos artísticos, ou como são selecionados como tal. Ao frequentar museus, galerias, ateliês, ler revistas e livros especializados estamos

nos aproximando da idéia de arte por meio da contemplação direta do que foi previamente selecionado como obra de arte. Porém, como já sabemos, este mesmo objeto selecionado e eleito como arte possui características metamórficas em relação a seu status. No entanto, há algo nele que permanece em sua essência, uma aura que resiste ao que Umberto Eco chamou de “ruído”.

Umberto Eco, pensador italiano contemporâneo, criou o conceito de "ruído", de interferência exterior, que perturba o nosso contacto com o objeto. A obra é um emissor, ela envia sinais que nós recebemos. O tempo, as distâncias culturais são grandes causadores de ruídos, que interferem nos sinais enviados. A obra tinha, por exemplo, uma função religiosa que ignoramos ou conhecemos mal, baseava-se em convenções que não são mais as nossas: à medida que esquecemos essas significações originais, fomos atribuindo a ela as significações de nossa cultura. Assim, na idéia de arte "para nós" é preciso contar com perturbações que podem ser diminuídas pelo esforço do conhecimento, mas nunca eliminadas. (COLI 1995, p. 70)

Este “ruído”, portanto, não impede a identificação dos objetos artísticos como tal, mas sugere um maior conhecimento do observador para uma maior contemplação. Certamente neste momento podemos pensar que este trabalho tenta eliminar parte do “ruído” que afeta a observação das artes visuais afro-brasileiras (termo que será melhor definido em capítulos posteriores), de maneira que seu valor estético e cultural possam emergir e fluir de forma mais límpida ao observador. Pelo contrário, o que há é uma tentativa de relacionar a obra ou elegê-la apenas por pertencer a um período e a um estilo determinado. Esta postura de “etiquetar” para reconhecer seria um erro que exclui aquilo que não se encaixa nos moldes, fato que aumenta ainda mais a interferência do “ruído”, como a própria história pode comprovar.

Falando de arte, referimo-nos a impressionismo, surrealismo, romantismo, rococó, a um estilo cretense, helenístico ou egípcio. Na maior parte das vezes, atribuímos a essas palavras um poder excessivo: o de encarnarem uma espécie de essência à qual a obra se refere. De que estilo é tal pintor? Enquanto não colamos uma etiqueta em cima, não sossegamos: é hiper-realista, é abstracionista, é impressionista, é surrealista. Isso nos tranquiliza, pois supomos conhecer o essencial sobre a obra; supomos saber o que significam as classificações, e que a obra corresponde a uma delas. Essa atitude pode ser pacificadora, mas não é satisfatória. Pois as obras são complexas, e é de sua natureza escapar às classificações; pois as classificações são complexas e nunca se reduzem a uma definição formal e lógica; pois a relação entre as

obras e os conceitos classificatórios é, sobretudo, complexa. (COLI, 1995, p. 29)

Talvez a definição de arte esteja na função que a obra possa ter diante da cultura que a produziu? Ou no modo sólido de sua existência? Ou ainda da necessidade econômica que evoca uma saída na produção artística? Não se acredita que nenhum desses questionamentos podem ser validados, nem excluídos, pois, eles são divergentes em relação a “essência” da arte, no entanto, são inúmeras vezes utilizados como meio para a propagação do objeto artístico na cultura e, mesmo coberta de fragilidades existenciais geradas pela não funcionalidade, ela “A Arte” por diversos caminhos se propaga.

Mas, fruto do gesto gratuito, a arte possui uma existência frágil, pois não é necessária. Podemos constatar em nossa cultura dois registros diferentes que a alimentam. Num deles, o objeto artístico encontra-se instalado no interior de funções econômicas ou sociais: embora enquanto arte o objeto continue sendo não utilitário, enquanto elemento de um vasto mecanismo é empregado para outros fins. Esse emprego garante-lhe a sobrevivência. No outro registro, o objeto artístico reduz-se à gratuidade; esvaziado de toda função, ele depende de uma assistência ao mesmo tempo intencional e artificial, provocada unicamente pelo seu prestígio de ser arte (COLI 1995, p. 89).

A interrogação que se alonga em várias linhas, talvez tenha trazido ainda mais interrogações, pois as colocações feitas até agora não forneceram segurança em relação a uma classificação segura do que é arte e ainda ruiu com conceitos enraizados sobre esta temática, mas ao mesmo tempo, as colocações, seguem a trilha de compreensão da essência da arte, que é não caber em um manual de regras fixas ou ter formas pré-determinadas.

Não se acomodando às normas, a arte sempre se desvia por caminhos incontroláveis, mesmo quando aparentemente obedece. E se, em certas circunstâncias, podemos acreditar que um “engajamento” da produção artística seja útil ou louvável, não devemos esquecer que há um poder “subversivo” mais profundo em sua insubordinação irreprimível. (COLI 1995, p. 106)

E ainda completa da seguinte forma.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de “aprendizagem”. Seu domínio é o do não-racional,

do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contacto com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia.

Entre a complexidade do mundo e a complexidade da arte existe uma grande afinidade. A ciência tenta localizar e sistematizar as constantes que regem o mundo através de uma espécie de transparência teórica. Ela necessita dessa redução porque parte do simples, do elementar. (COLI 1995, p. 108)

Sim, podemos dizer que a arte, em sua complexidade, é “conhecimento”, e que proporciona um aprendizado subjetivo do mundo, algo que diverge da razão prática e converge para a razão/emoção possibilitando uma apreensão rica e diversa da realidade a nossa volta. Um pequeno objeto pode encerrar um universo de significações indizíveis hoje e, amanhã não encerrar nenhuma significação, podemos dizer que a arte provoca a metamorfose da borboleta em lagarta e vice e versa, são pontos antagônicos compositores da arte, são partes do seu “prestígio” como tal. Esta característica metamórfica e fundamental na educação, onde o educando permanece em constante aprendizado e constante mudança.

Cabe colocar então, que a arte pode ser sinalizada por diversos fatores, que indicam este ou aquele objeto como sendo artístico ou não, o local onde pode ser contemplado e o discurso especializado sobre ela, além de certas manifestações da cultura que recebem em determinado tempo este status, e outras manifestações podem o recebê-lo em outro tempo, de forma sólida ou não. A natureza primeva da arte é tentar escapar de qualquer grade que tenta prendê-la, domá-la ou estigmatizá-la em estereótipos pré-determinados e presos no tempo, que por diversas vezes acabam por excluir a arte justamente por sua natureza livre, como é o caso estudado neste trabalho.

Porém, não devemos nos enganar em relação ao produzir artístico, ele não é tão livre e espontâneo como se pensa no senso comum. O produzir artístico é cercado de trabalho duro e aperfeiçoamento técnico. A característica mais forte do fazer artístico talvez seja o labor motivado pelas inquietações do artista, que mesmo enfrentando barreiras de todas as magnitudes avança e obtém resultados, não apenas pela inspiração, mas pelo trabalho, reflexão e, quem sabe, em uma tentativa de traduzir e/ou transformar o mundo.

A fruição da arte não é imediata, espontânea, um dom, uma graça. Pressupõe um esforço diante da cultura. Pois as regras do jogo artístico evoluem com o tempo, envelhecem, transformam-se nas mãos de cada artista. Tudo na arte – e nunca estaremos insistindo bastante sobre esse ponto – é mutável e complexo, ambíguo e polissêmico. Com a arte não se pode aprender "regras" de apreciação. E a percepção artística não se dá espontaneamente. (COLI 1995, p. 115)

Pelas várias reflexões foi possível observar que a definição de arte não é feita de regras fixas, mas de apontamentos e índices que sinalizam para o valor estético e artístico deste ou daquele objeto em determinado tempo e em determinada cultura. Então podemos pausar a discussão e os apontamentos em torno do que é, ou quando é arte. Pois tal assunto não se esgotaria tão logo, como foi dito no início deste capítulo: é tema para centenas de livros.

As palavras de Coli podem fornecer mais um forte apontamento sobre o que é arte e, que somado aos apontamentos anteriores servirão para ilustrar e sinalizar o que é arte, assim como o valor e necessidade do seu ensino nas escolas.

A arte propõe uma viagem de rumo imprevisto — da qual não sabemos as conseqüências. Porém, empreendendo-a, o que conta não é a chegada, é a evasão. Buscamos a arte pelo prazer que ela nos causa. Uma sinfonia, um quadro, um romance são refúgios, pois instauram um universo para o qual nos podemos bandear, fugindo das asperezas de nossa vida "real", procurando as delícias das emoções "não reais". No fundo, são os mesmos motivos que nos fazem assistir a um jogo de futebol. A diferença é o corolário que enunciámos acima: as emoções artísticas são ricas e fecundas, o prazer e a evasão só são "alienações" num primeiro momento: transformando nossa sensibilidade, elas transformam também nossa relação com o mundo. (COLI 1995, p. 111)

É dentro deste aspecto plural e diversificado apresentado como característica do objeto artístico, que se propõe a interdisciplinaridade das afro-brasilidades no Ensino de Artes Visuais, de forma que o arte/educando possa ser conduzido a uma viagem rumo ao conhecimento de suas raízes para obter uma relação mais rica e saudável com os elementos culturais que são parte do mundo que o cerca.

2. Cultura Brasileira e Arte Afro-Brasileira

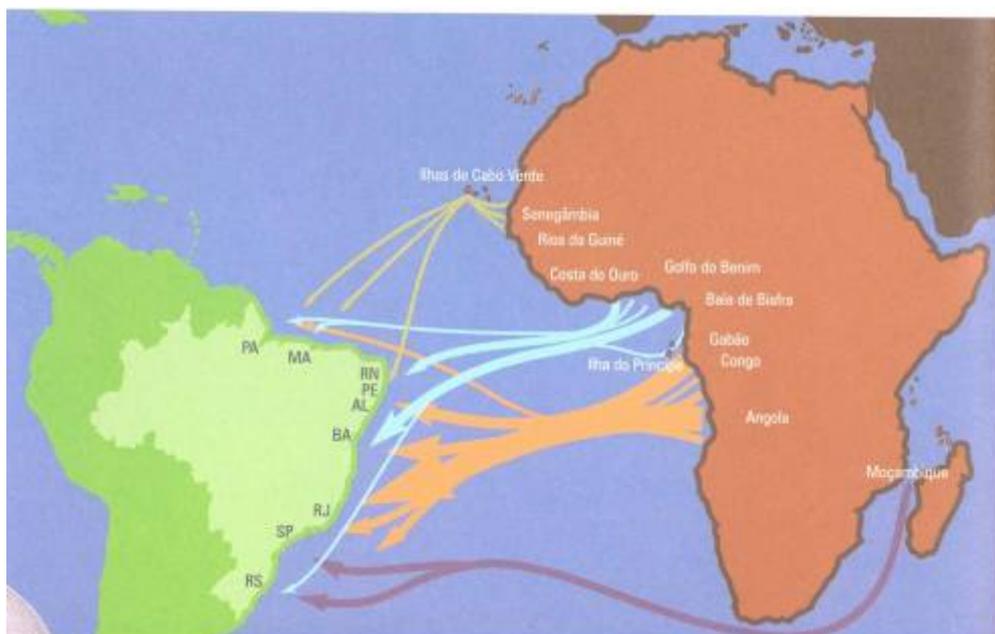


FIGURA 4 – Rotas do Tráfico Atlântico. Calendário 2006: Meu Brasil Africano

A imagem acima indica as rotas do tráfico de escravos africanos para o Brasil, mas indica também o trânsito da cultura daquele continente para esta terra, em vindas e vindas por mais de trezentos anos, que foram de contribuição imensurável, inclusive para o campo das artes visuais, não podendo ficar de fora do Ensino de Artes Visuais nas escolas.

As raízes da cultura brasileira beberam água em três fontes: a cultura européia, a cultura indígena e a cultura africana, e que juntas, são os pilares da nossa diversidade. O dialeticismo entre esses pilares deu forma e corpo à identidade nacional e somadas a outras contribuições, possibilitaram o surgimento da cultura brasileira tal como hoje pode ser vislumbrada. Não há pretensão em discursar sobre os aspectos psicodélicos da variação da cultura brasileira, será feita apenas uma rápida distinção de alguns termos para que certos conceitos que estão ligados ao campo do Ensino das Artes Visuais neste trabalho, sejam melhor interpretados.

O conhecimento geral, produzido por determinado, povo, país ou nação, e que é transmitido para as próximas gerações, seja de forma técnica e científica, seja por meio das tradições e costumes, é chamado de cultura. José Auri formula uma clara definição deste tão vasto termo.

Universo de todas as criações, produtos, técnicas, hábitos, conhecimentos, costumes, valores e natureza adaptada e transformada pela mão humana, que mesmo existindo fora do corpo do homem, funciona como dispositivo sem o qual esse corpo não se manteria vivo. Portanto, a cultura afeta o corpo, nos modos de andar, vestir, portar-se, trabalhar, etc., formando-o ou deformando-o em face de *significados* compartilhados, que no entanto se expressam em *significantes* situados fora do corpo individual de todos. (AURI, 1992, p.140)

De acordo com a definição de cultura observada na citação acima, podemos entender este termo como “universo de todas as criações” humanas, expresso fora e dentro do corpo e o qual influencia os comportamentos por meio de seus signos e significados. Entre estas criações que compõe a cultura, figura as Artes Visuais. Elas possuem um universo de significações que não serão explorados neste trabalho, foi abordado seu aspecto de suporte da cultura ou meio pelo qual ela pôde “afetar” o comportamento dos indivíduos que por ela se expressaram, foram expressados nela, ou ainda que a contemplaram.

A contribuição européia para a cultura no campo das artes, desde o início da colonização foi rica, pois teve livre expressão e manifestação no âmbito social, foi a vertente valorizada e reconhecida como válida por aqueles que ditavam as regras e elegiam este ou aquele objeto como sendo artístico. Não se pretende dizer com isso, que essas criações eram totalmente livres, apenas eleitas.

A contribuição indígena foi igualmente rica, compreende manifestações desde o período pré-histórico com arte rupestre, ornamentos corporais, esculturas em pedra, osso, argila, além de cerâmicas variadas, pinturas corporais e outras. Estas manifestações ocorreram em todas as regiões do Brasil com expressões diferenciadas de região para região.

A contribuição africana também é valorosa, e pode ser notada em diversos campos das artes visuais ou plásticas, como a dança, arquitetura, escultura acessórios corporais, indumentárias, pintura, etc. Lembremos, no entanto, que tanto a vertente artística indígena, quanto a vertente artística africana, foram relegadas para a margem dos valores culturais e sociais brasileiros, de onde se esforçam até os dias de hoje para alcançar reconhecimento.

Discutir de forma mais precisa sobre os aspectos negativos no campo das artes, bem como, os efeitos sociais causados pela escravidão de negros praticada no Brasil, como também, com igual prejuízo, sobre a exclusão e o extermínio da

cultura nativa destas terras, praticada até nos dias de hoje, constitui tema para outros trabalhos. Porém, sua importância e valor não podem ser esquecidos, já que o status do negro, do índio e de suas produções, são relativamente baixos no âmbito social, características que podem ser observadas nas críticas formuladas a respeito das produções artísticas feitas por esses grupos, pois só a poucas décadas começam a ser positivas de maneira a aceitá-las com o devido valor e respeito.

Depois do início da colonização houve um encontro inicial de três culturas plurais, tão ricas em diversidade que não seria possível rastrear todos os elementos compositores de suas estruturas. Este encontro causou prejuízo quanto ao aspecto característico para alguns lados, em decorrência da aculturação da metrópole sobre a colônia, mas houve ganho para a terra que abrigou este encontro e para a arte que resultou do mesmo, e é sobre o ganho no campo das artes visuais que se pretende falar, mais especificamente o ganho propiciado pelas artes afro descendentes ou afro-brasileiras.

Convergindo para o tema deste trabalho, vamos nos aproximar da arte afro-brasileira e de uma possível definição, mesmo sabendo da complexidade que esta temática suscita e da impossibilidade de fechar as definições. Segundo CONDURU ela pode ser assim definida.

A arte afro-brasileira seria, assim, a produção decorrente da confluência e fusão de princípios, práticas e elementos da arte africana aos da brasileira, sendo ou uma interpretação brasileira da arte africana, ou a arte brasileira feita com sotaque africano, ou, ainda, um artístico caminho do meio entre África e Brasil. (CONDURU, 2007, p. 9)

Uma boa direção é seguir o “artístico caminho do meio” entre Brasil e África, mesmo que este caminho tenha apresentado curvas tortuosas.

A reprodução da cultura africana no Brasil sofreu graves transformações, como não era permitido ao escravo trazer pertences pessoais, pode-se dizer que a bagagem cultural foi trazida no coração, na cabeça e na alma dos homens e mulheres vindos das várias regiões da África, e essa cultura imaterial, foi manifesta principalmente nas expressões artísticas e religiosas, pois seriam o suporte perfeito para a cultura natal, da qual não teriam mais contato se não a reproduzissem aqui baseando-se em suas crenças, vivências e memórias.

Ao chegar eles deveriam adaptar-se ao novo ambiente, aprender palavras portuguesas para o entendimento do serviço a ser feito, para incorporação da religião católica e de alguns valores portugueses incluindo a ideologia escravista. O que se confirma pela citação do historiador Antônio Mendes que denuncia:

Trata-se de uma “dominação cultural” dos brancos sobre os negros, não de uma “fusão” de culturas, como querem alguns. Os elementos mais significativos das culturas da costa africana desapareceram no Brasil, ou se transformaram de maneira empobrecedora, só sobrevivendo marginalmente. (MENDES, 1979, p. 14)

O padrão “branco europeu”, definido anteriormente com as devidas ressalvas, dominava tudo e todos, e a única forma além da fuga e da insurreição, que o escravo possuía para melhorar um mínimo sua condição, era aproximar-se do padrão dominante, o que significou aculturação da maioria dos valores ancestrais.

No campo das artes, esse padrão teve forte influencia, Gislene Aparecida dos Santos denuncia a existência de uma “estética branca” criada para orientar o discurso, a contemplação e a produção artística, de forma a distanciar os grupos ético-culturais, aumentando ainda mais a cegueira do preconceito e da ignorância.

No manual de Montabert, apud Gislene, redigido para os artistas, vemos:

O branco é o símbolo da divindade ou de Deus.
 O negro é o símbolo do espírito do mal e do demônio.
 O branco é o símbolo da luz...
 O negro é o símbolo das trevas, e as trevas exprimem simbolicamente o mal.
 O branco é o emblema da harmonia.
 O negro, o emblema do caos.
 O branco significa a beleza suprema.
 O negro, a feiúra.
 O branco significa a perfeição.
 O negro significa o vício.
 O branco é o símbolo da inocência.
 O negro, da culpabilidade, do pecado ou da degradação moral.
 O branco, cor sublime, indica a felicidade.
 O negro, cor nefasta, indica a tristeza.
 O combate do bem contra o mal é indicado simbolicamente pela oposição do negro colocado perto do branco.

(SANTOS, 2002, p. 58)

Não só a liberdade, mas também a expressão livre da cultura, foram tolhidas e impedidas de se manifestar plenamente. Todo esforço ou produção era na direção de construir ou reproduzir a cultura dominante. Como afirma Conduru “foram

coagidos e incentivados a usar suas forças e talentos para construir os símbolos, o aparato físico e os elementos necessários às práticas sociais dos colonizadores” (CONDURU, 2007, p.14). E ainda completa: “participaram, assim, da construção de suas cidades, edifícios militares, religiosos e civis, monumentos e obras de arte” (ibidem, p.15). Para Conduru, o negro construiu ou reproduziu a cultura material europeia no Brasil, fazendo uso de seus saberes, sensibilidade, habilidades e intuição. Desta forma não se pode pensar a cultura e/ou a arte brasileira sem pensar na diáspora africana ocorrida no Brasil.

Ao pesquisar e planejar suas aulas, o arte/educador deve levar em consideração todos estes aspectos, para que o arte/educando não ignore a historicidade da produção artística com esta vertente cultural e principalmente em que circunstâncias e/ou matrizes foram fundidas essas artes.

2.1. Brasil – África: Matrizes da Cultura na Arte

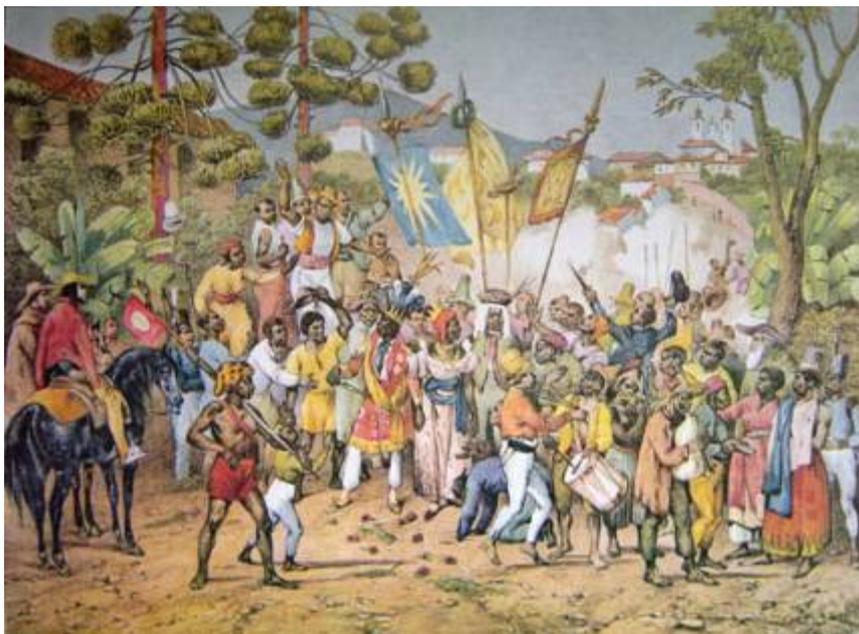


FIGURA 5 - Festa de Nossa Senhora do Rosário (Jhoann Moritz Rugendas, Litografia colorida à mão)

O sincretismo religioso, como expresso na litografia acima, foi elemento fundamental para a expressão artístico-cultural de negros no Brasil até tempos bem recentes. Em suas pesquisas levantando dados e materiais, para enriquecer suas aulas, o arte/educador precisa seguir a trilha artística das produções, e tentar chegar às matrizes que influenciaram esta ou aquela vertente, num processo contínuo de

construção do conhecimento. Este conhecimento precisa ser construído investigando as ligações entre o Brasil e a África, conduzindo o arte/educando por uma viagem artístico-cultural de conhecimento das próprias raízes.

A ligação entre o continente africano e o Brasil, pode ser poeticamente definida como uma ligação de sangue e alma, onde a matriz “África” transmitiu ao seu filho/irmão “Brasil” seu código material na forma de pessoas, e parte do seu código espiritual (imaterial) em milhões de fragmentos, que viajaram dentro das pessoas, na alma, nos gestos, nas crenças e na criação dessas pessoas e de seus descendentes. Essa criação tem um sentido bem amplo, pois engloba saberes no campo do trabalho braçal, intelectual, artístico e religiosos. Quando essas criações estão carregadas de sentimentos, emoções e valores estéticos, podem ser a melhor representação da história, dos sentimentos e da herança cultural que o filho/irmão herdou da mãe/irmã, e com o qual ele poderá, traduzi-la, recriá-la, ré/apresentá-la, ou ainda, impedir que ela desapareça de dentro dele. Uma das criações portadoras deste jogo de significações, é a arte em suas formas variadas de expressão.

Em uma ligação de grau tão aprofundado quanto este, entre Brasil e África, deve-se pensar em metáforas mais concretas do que apenas o diálogo entre culturas, devemos entender a África como uma matriz de parte da cultura brasileira, um molde onde foi fundido um terço de todas as “criações, produtos, técnicas, hábitos, conhecimentos, costumes, valores e natureza adaptada e transformada pela mão humana” no Brasil, ou seja, somos este Brasil porque fomos aquela África.

Recortando as significações culturais para um campo menos vasto, mas de grandeza imensurável, vamos nos ater aos aspectos de suporte da cultura que tem as artes visuais, com sua indispensável contribuição para o patrimônio cultural Brasileiro, feito em uma conjugação harmoniosa de signos e significados, materiais e imateriais, que podem ser reconhecidos por “africanidades” em simbiose com as “brasilidades”, ao que CONDURU chamou de “afro-brasilidades” definindo da seguinte forma.

Deste modo, afro-brasilidade pode ser entendida como expressão que designa um campo de questões sociais, uma problemática delineada pelas especificidades da cultura brasileira decorrentes da diáspora de homens e mulheres da África para o Brasil e da escravidão deles e de seus descendentes, do século XVI ao XIX. (CONDURU, 2007, p. 14)

Esta condensação ou síntese desses termos, não equacionam o problema de definir e conectar Arte, “Afro-brasilidade” e o Ensino de Artes Visuais, pois a problemática que emerge da conexão destes campos se desdobra em questões delicadas demais para serem tratadas de forma detalhada. Porém é possível investigar algumas áreas ou campos e perceber a presença das artes visuais em simbiose com as “afro-brasilidades” sendo ao mesmo tempo expressão e suporte das duas culturas. O campo religioso é um deles, e isso poderia sinalizar ao arte/educador uma direção para abordar esta temática, porém deve fazê-lo com todo o cuidado, para não deturpar os signos e símbolos de cada tradição religiosa.

As tradições e os rituais religiosos foram um dos principais meios de preservação da cultura e da identidade dos negros no Brasil e tinha muita relação com a recusa dos padrões brancos. A religião foi em vários graus, um elemento unificador de pessoas, da cultura e das tradições. Antônio Mendes cita dessa forma referindo-se aos escravos:

Irmanava dos revoltosos um sentido religioso de negação dos valores brancos. Nos “quilombos” procurava-se reconstituir a organização dos reinos africanos, apoiados nas comunidades aldeãs. Praticavam-se ali, com grande frequência, as danças rituais comuns ao grupo africano predominante, como estímulo para a interminável luta contra os senhores. A rebeldia religiosa nos quilombos não significava recriar fielmente os rituais africanos. Os negros ali reunidos eram quase sempre procedentes de áreas culturais diversas, de ritos muitos distintos. Além disso a mitologia indígena e a religião branca arcavam muitos negros, que misturavam seus elementos, com outros significados, à religião original. (MENDES, 1979 p.118)

Muitos traços da cultura africana se perderam ao longo do caminho, mas outros sobreviveram e se mesclaram em metamorfoses, usando vários meios para isso, o sincretismo religioso foi um deles e, apesar das limitações impostas pelo catolicismo, é onde podemos ver a arte emergindo como receptáculo desses traços da identidade cultural.

As religiões afro-descendentes no Brasil têm destacado papel na constituição da problemática afro brasileira, sendo, ainda hoje, o elo mais forte com as culturas africanas. Durante a vigência da escravidão, até 1888, as práticas religiosas foram cerceadas pelo catolicismo, o que restringiu a difusão de seu imaginário e sua produção artística. (CONDURU, 2007, P. 25)

Esse cerceamento existiu e ainda existe até os dias de hoje, não é explícito como no período da escravidão, mas é constante e sutil, a ponto de se fazer necessária a criação de uma lei federal para garantir que tal vertente de saberes sejam ensinados nas escolas. Os artefatos artísticos que eram produzidos no seio das várias religiões afro-descendentes no Brasil, não eram reconhecidos como tal, desta forma a arte que emergiu teve seu valor estético despido pela crítica e pela cultura dominante.

Não espanta, portanto, a dificuldade de a arte emergir a partir delas e que essa produção artística seja recente – “antes de mais nada contemporânea”, como disse Maria Heloísa Leuba Salum-incipiente, pouco reconhecida, apesar de seus feitos notáveis. O que enseja sentir e pensar as dimensões estéticas e artísticas da cultura material relacionada às diversas religiões afro-brasileiras, que é conformada para e em rituais, configurando uma espécie singular de arte sacra. (CONDURU, 2007, p. 30)

O caráter de contemporaneidade da arte emergida das religiões afro descendentes comprova que o valor da produção anterior foi ignorado, mas agora é reconhecido, por isso é recente. Fato que motiva ainda mais o resgate dessa “espécie singular de arte sacra” e de outras expressões pelo arte/educador para apresentá-los aos arte/educando, como forma de oportunizar a eles conhecimento diversificado em artes visuais e um resgate de raízes que estiveram ocultas nas sombras da margem. Segundo o CBC de Artes um dos objetivos em arte/educação é “desenvolver uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal, relacionando a própria produção com a de outros, valorizando e respeitando a diversidade estética, artística e de gênero” (SEE-MG, 2004, p.48), essa valorização pessoal e da diversidade é reflexo do contato direto e da identificação e/ou reconhecimento de traços de sua identidade.

O jogo simbólico/cultural encerrado nos objetos artísticos produzidos com teor sacro, transmite ao iniciado em tais cultos e aos observadores, incluindo o arte/educando, a significação ancestral da origem de tais objetos.

Ao renascer no culto, em vez de se dividir, a pessoa iniciada se multiplica; em vez de se diluir em outros, reforça os traços de sua personalidade. Assim, seu corpo passa a estar ligado a outros, a indivíduos compostos de outra carne, que devem ser tratados como ela cuida do seu, já que os assentamentos demandam abrigo, asseio, alimentação, convívio - práticas que implicam reeducação e

reintegração social. fetichismo centrífugo e integrador, pois, em vez de focar nas coisas, o iniciado deve, por meio delas, se conectar a outros indivíduos, antepassados e contemporâneos. Além de sua família natural, o indivíduo recupera sua família mítica e ganha uma família religiosa. (CONDURO, 2007, P. 30)

Ao tornar-se múltipla, por intermédio dessas representações, a pessoa afirma sua personalidade e a da comunidade à qual se integra, ou da qual faz parte, em um processo contínuo de preservação e atualização da memória coletiva.

Ao ter contato com essas conexões, com o modo como elas ocorrem e com a historicidade que as permeiam, o arte/educando se desenvolve, pois segundo o CBC de Artes (p.47,48) “O desenvolvimento do aluno nas expressões visuais requer, então, aprendizagem de técnicas, procedimentos, informações sobre história da arte, artistas e sobre as relações culturais e sociais envolvidas na experiência de fazer e apreciar arte.”

Os caminhos trilhados ou abertos pelas artes afro-brasileiras, , tortuosos em vários períodos houve brechas devido à coerção de forças externas, aleijadas por deficiências da razão como, o preconceito e o racismo que, impediram-na de ter uma manifestação plena. Porém, transportaram e conduziram a herança cultural africana até os dias de hoje em objetos e rituais. Como o valor destes elementos compositores desta cultura expressos nas artes visuais, são na mesma medida formadores da identidade daqueles que com ela se relacionam, podemos então, considerar válido o esforço de inserção desta temática tão rica nos planos curriculares do Ensino de Artes Visuais como tema transversal.

3. A Arte Afro-brasileira no Ensino de Artes Visuais: a construção de um projeto de ensino.



FIGURA 6 – Zumbi dos Palmares

Fonte:



FIGURA 7 – Machado de Assis – Fotografia Instituto Moreira Salles

Fonte:

Nos capítulos anteriores, foi apontada a importância da pesquisa como forma de produzir conhecimento e sinalizado o objeto artístico para que não fosse confundido com as demais produções da cultura. Foram localizados estes objetos como expressão artística e suporte da cultura africana no Brasil demonstrando seu valor e importância. Neste capítulo será ressaltada a importância do resgate destes elementos na escola.

O ensino de artes visuais nas escolas públicas tem como referência os “Parâmetros Curriculares Nacionais” (PCN) e os “Conteúdos Básicos Comuns”

(CBC). Eles não encerram todo conteúdo a ser trabalhado no ensino de Arte nas escolas, mas sinalizam as direções de maior importância para que os educadores possam se nortear, de forma que o professor, em conjunto com a coordenação e/ou equipe pedagógica da escola possam selecionar os temas e conteúdos a serem trabalhados ao longo do ano letivo em cada série.

Entre os temas escolhidos, é possível afirmar que o resgate da história, da identidade e de grandes personagens afro-descendentes como Zumbi, último rei de Palmares (representado na pintura acima), e Machado de Assis, criador da Academia Brasileira de Letras (retratado na fotografia acima), entre vários outros, são temáticas que podem e devem fazer parte do currículo de Ensino de Artes Visuais nas escolas.

Uma das propostas do CBC de Arte (SEE, 2004, p. 11) é a de que “fica claro que é extremamente desejável que sejam feitos projetos conjuntos integrados, desde que o conhecimento específico de cada área de expressão seja construído”.

Tendo por base e/ou proposta as afro-brasilidades, expressas ou retratadas nas artes visuais, assim como sugere Conduru ao reconhecer que “qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a estética e a religiosidade africanas tradicionais e, de outro, os cenários socioculturais do negro no Brasil” (CONDURU, 2007 p.11), seria interessante e até indicado para que o arte/educador trabalhasse com esta temática como tema transversal ou área de manifestação artística, por meio de projetos continuados, ao longo de todos os anos do ciclo escolar em que houvessem aulas de artes tanto no ensino fundamental quanto no médio, para que fosse possível se aprofundar nesta tão vasta e rica área do conhecimento.

O cenário artístico contemporâneo se apresenta de certa forma plural e, ao mesmo tempo caótico. Isto pode ser usado de forma positiva no ensino de artes visuais, mas com as metodologias adequadas, como descreve o CBC de Arte.

Os modos de produção e de conhecimento de imagens são bastante diversificados. Entre os meios eletrônicos e os tradicionais, há uma variedade bastante grande de possibilidades a serem exploradas e usadas. Construir conhecimentos que ajudem as escolhas dentre essas possibilidades é extremamente importante para a inserção do aluno no contexto contemporâneo de produção e fruição visual. Isso só pode acontecer se for trabalhado, com o aluno, o pensamento crítico aliado ao pensamento artístico (SEE, 2004, p. 47).

Em relação às artes visuais, variedade e pluralidade são aspectos positivos na maioria das vezes, porém a falta de critérios e de referências faz surgir um montante de informações que formam um “caldo visual” indefinível. Estas questões revelam a importância de se resgatar referências concretas e seguras, capazes de trazer luz ou “ordem” a este campo/cenário tão diversificado. É preciso tecer uma espécie de “fio de Ariadne”¹ que possa conduzir o artista, o pesquisador, o arte/educador e o arte/educando para uma visão mais clara do labirinto das criações visuais que estão no seu entorno. Não com o objetivo de retirá-lo deste labirinto, mas de fazê-lo transitar com segurança e propriedade pelas importantes vertentes de criação das artes visuais, além de possibilitar com essa imersão, a reflexão dos observadores, sobre uma possível identificação com as obras, que podem revelar a ele sua própria história ou partes importantes que compõem sua identidade enquanto sujeito cultural ativo, além de possibilitar a construção de um discurso seguro e bem fundamentado sobre arte.

O CBC de Arte sugere que diante de um vasta diversidade de temas seja preferível que o arte/educador se empenhe em desenvolver poucos temas de forma completa, à vários de forma deficitária.

O ideal é que o horário obrigatório seja usado para que os conteúdos/habilidades específicos de uma determinada área de expressão sejam privilegiados e que sejam utilizados outros horários curriculares para o desenvolvimento de outras expressões artísticas e a criação de grupos. Dependendo das condições, podem ser escolhidas as áreas artísticas a serem trabalhadas na escola. É bom lembrar que é preferível que o aluno tenha um ensino consistente em uma ou duas áreas de expressão que um ensino deficitário em todas (SEE-MG, 2004, p. 42).

Dessa forma, escolher elaborar e executar um projeto com uma temática direcionada, no caso a “cultura afro-brasileira”, está em acordo com a sugestão do CBC de Arte, com a proposta deste trabalho, que buscou mostrar a riqueza do diálogo entre essas duas áreas do saber e com a lei 10.639/2000, como aponta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

¹ No mito de Teseu e o Minotauro, Ariadne tece um fio de ouro que é usado por Teseu para sair com segurança do labirinto de Creta, depois de ter matado o Minotauro. (Nota do autor)

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz européia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. (MEC, 2004, p. 13)

Elaborar projetos que possibilitem a imersão do aluno, com profundidade, na temática foco deste trabalho, é uma obrigação não só dos arte/educadores, mas de todas as instituições envolvidas com a educação, bem como da comunidade em geral.

Aos estabelecimentos de ensino está sendo atribuída responsabilidade de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira; de fiscalizar para que, no seu interior, os alunos negros deixem de sofrer os primeiros e continuados atos de racismo de que são vítimas. Sem dúvida, assumir estas responsabilidades implica compromisso com o entorno sociocultural da escola, da comunidade onde esta se encontra e a que serve, compromisso com a formação de cidadãos atuantes e democráticos, capazes de compreender as relações sociais e étnico-raciais de que participam e ajudam a manter e/ou a reelaborar, capazes de decodificar palavras, fatos e situações a partir de diferentes perspectivas, de desempenhar-se em áreas de competências que lhe permitam continuar a aprofundar estudos em diferentes níveis de formação. (MEC, 2004, p. 14)

Avançando para a parte final do trabalho, o próximo tópico vai finalizá-lo com a proposta de um projeto de prática, que demonstra a possibilidade de execução das ideias defendidas ao longo do texto, ou seja, o diálogo entre a cultura afro-brasileira e as artes visuais. Este projeto não terá suas linhas totalmente definidas pelo fato de ser teórico, como se sabe a prática pode exigir algumas alterações imprevisíveis no plano teórico. Ele é, portanto, uma sugestão de prática que pode servir de norte para o arte/educador.

3.1. A Construção de um projeto de ensino

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Arte enquanto área de conhecimento, proporciona uma grande abertura ao trabalho com os temas transversais.

A área de Arte, dada a própria natureza de seu objeto de conhecimento, apresenta-se como um campo privilegiado para o tratamento dos temas transversais propostos nestes Parâmetros Curriculares Nacionais.

As manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos e expressam a riqueza criadora dos artistas de todos os tempos e lugares. Em contato com essas produções, o aluno pode exercitar suas capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas e imaginativas, organizadas em torno da aprendizagem artística e estética. Ao mesmo tempo, seu corpo se movimenta, suas mãos e olhos adquirem habilidades, o ouvido e a palavra se aprimoram enquanto desenvolve atividades nas quais relações interpessoais perpassam o convívio social o tempo todo. (MEC, 2004, p. 114)

Tendo em vista essa grande possibilidade de desenvolvimento do arte/educando ao estar envolvido com trabalhos transversais, é possível considerar o tema “Pluralidade Cultural” e criar projetos que possam favorecer a sua participação em tais trabalhos.

A seguir, será apresentado uma proposta de projeto, fruto desse estudo sobre a cultura afro-brasileira em simbiose com as artes visuais. Não serão apontados obras ou artistas como referências a serem estudados, em função da grande diversidade dos mesmos e para que, ao eleger alguns, outros tantos sejam excluídos por não terem sido citados. Portanto, as obras e artistas a serem estudados ficam ao critério de professores e alunos, que em conjunto e individualmente escolherão baseados na pesquisa, na influência e na identificação pessoal com esta ou aquela área, artista e/ou obra com temática africana.

Projeto Artístico-Cultural

Tema - Artes Visuais e Afro-Brasilidades

Cronograma

O cronograma de execução deste projeto pode ser flexível, e deve ser feito pelo professor de acordo com a realidade encontrada na escola e a disponibilidade de

organização.

A sugestão é de que o projeto seja executado ao longo do ano escolar, com o fechamento no dia ou semana da consciência negra, em novembro, pelo simbolismo da data. Poderá ser feita uma atividade por mês, para que o conteúdo seja assimilado de forma continuada e paralela aos outros conteúdos de Arte. Como segunda opção o arte/educador pode propor uma atividade por semana até o encerramento, cuja data de início e término seriam de sua escolha.

Justificativa

Trabalhar arte com os alunos é sempre um desafio! Não só pelo despertar de um olhar muitas vezes escondido, mas pelo despertar de uma criatividade e ousadia, capazes de talvez transformar alguém, até então, comum em um artista em potencial. Ainda existe a possibilidade de ampliar os horizontes de percepção, em relação às criações artísticas existentes no entorno de cada um, para um aprimoramento da contemplação, do discurso e do fazer arte.

Este projeto se destina a alunos de Arte do ensino médio, com foco na temática afro-brasileira expressa e/ou retratada nas artes visuais como, dança, fotografia, desenho, pintura, escultura, etc.

Este projeto é uma proposta de trabalho, para que o arte/educador possa trabalhar em suas turmas o conteúdo de arte, resgatando e/ou desvelando a história e cultura afro-brasileira em diálogo com as artes visuais, de forma que o aluno possa conhecer um pouco mais a diversidade artística e cultural do seu país e resgatar as raízes de sua identidade, além de possibilitar uma experiência estética rica em valores.

As atividades propostas vão estar em consonância com a abordagem triangular de Ana Mae, os objetivos e as atividades têm uma “contextualização histórica” para que se saiba o que? Quando? E onde? Depois virão o “fazer e a apreciação artística” como forma de possibilitar a experiência prática em loco.

A especificidade da arte afro-brasileira tem vários pontos de apoio, como a tradição religiosa, a cultura, a história, as demais artes e outros. Para que esta especificidade possa aflorar, é importante que o arte/educador esteja atento a vários aspectos no decorrer do desenvolvimento das atividades. Em uma tentativa

de alertá-lo, foram feitas algumas orientações de como conduzir as atividades.

Objetivos

1. Possibilitar aos alunos o interesse pela temática africana representada nas artes visuais;
2. Aprimorar nos alunos a compreensão da arte como cultura, do artista como ser social e deles mesmo, como produtores e apreciadores;
3. Estimular a criatividade através da produção de arte visual afro-brasileira em suas diversas manifestações;
4. Estimular nos arte/educando a valorização de manifestações artísticas de povos e culturas brasileiras;
5. Fornecer bases históricas e conceituais sobre as artes visuais afro-brasileiras, bem como relacioná-las socialmente em cada período histórico, localizando os principais locais e meios de manifestação;
6. Proporcionar a oportunidade de dialética entre artes visuais, memória, identidade e construção social;
7. Reforçar nos arte/educandos a necessidade de pesquisar e saber organizar informações sobre arte, para irem além do conteúdo estudado na escola, entrando em contato com artistas e visitando os locais onde possam estar as obras;
8. Oferecer a oportunidade de reforçar nos alunos a importância, do conceito de grupo, da forma igualitária de ver o outro e de ter atitudes cooperativas;
9. Oferecer condições para que o arte/educando possa construir uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal respeitando a própria produção e a dos colegas, de forma que possa elaborar e receber críticas construtivas.

Atividades - Artes Visuais e Afro-Brasildades

O roteiro de atividades não é fixo, ele foi elaborado buscando empregar a proposta triangular de Ana Mae, e poderá ser empregado de forma a proporcionar um melhor ganho de conteúdo e experiência estética ao arte/educando.

1. Introdução da temática artes visuais e afro-brasildades, com exibição de alguns documentários da videoteca "Arte na Escola" com possibilidade de conhecimento de vários artistas e com proposta de pesquisa em livros, internet e na comunidade

sobre a história e diversidade cultural de alguns países da África, e as diversas manifestações artísticas visuais existentes relacionadas com esta temática sem distinção de países, iniciando a “contextualização histórica”.

*Orientações - Neste momento, o arte/educador deve propor aos arte/educandos algumas reflexões para serem discutidas em sala como forma de ampliar a compreensão da temática trabalhada: discutir aspectos da história relacionados com a formação da sociedade brasileira; se aproximar do tema arte afro-brasileira discutindo a questão da escravidão de negros africanos praticada no Brasil, apontando suas produções artísticas e o status destas produções em diferentes épocas; discutir sobre a relação da estética e a arte nas religiões afro brasileiras; imaginar que os afro-descendentes vieram de várias regiões da África e que tinham diferentes idiomas e culturas; etc.

2. Pesquisa em livros, internet e na comunidade sobre a arte visual desenvolvida no Brasil, com foco no estado onde se localiza a comunidade, e em artistas regionais.

*Orientações – Ao direcionar o trabalho para os aspectos regionais o arte/educador deve estabelecer um diálogo entre as produções recentes e as anteriores, discutindo sobre os aspectos de cada modalidade artística em cada região; cuidar para que o resultado das pesquisas sejam guardados para futuras consultas; deve ainda continuar a oferecer pontos de vista que permitam o arte/educando refletir sobre o tema do trabalho: como definir arte afro-brasileira? O fator determinante é a temática? A identidade das produções é determinada por quem as fez? Ao discutir estes aspectos arte/educador e arte/educandos estarão lapidando a forma de observar a arte com esta temática.

3. Seleção dos elementos das artes visuais mais expressivos artisticamente expressados com temática afro-brasileira, como escultura, pintura, desenho, fotografia e outros, presentes em vários lugares inclusive no espaço de prática religiosa.

*Orientações – Ao desenvolver o projeto levando em conta questões étnicas, estéticas, sociais, culturais e históricas, neste ponto o arte/educando precisa avançar tendo certa clareza em relação a alguns termos como cultura negra, cultura afro-brasileira, arte, arte afro-brasileira e outros relacionados direta e indiretamente ao tema estudado, para que possa ocorrer uma conexão entre a cultura africana, a cultura brasileira, a cultura européia e a cultura indígena. Esta conexão poderá ser

notada no trabalho dos artistas contemporâneos? Qual é a ligação dos artistas contemporâneos com as raízes africanas? Quem são estes artistas? Quais são suas obras? Essas perguntas podem levar a uma escolha mais consciente e significativa das obras a serem estudadas. O arte/educador deve incluir obras e artistas que julgar de expressão e que não tenham sido escolhidos.

4. Divisão da turma em equipes de trabalho, de modo que cada equipe cuide de estudar, reunir, criar e apresentar cada um dos elementos pré-selecionados, para apresentá-lo a toda comunidade escolar, iniciando o “criar artístico”.

*Orientações – Os grupos formados por sorteio, afinidade temática ou qualquer outro critério, devem ir além de reunir material e apresentá-lo à turma, cada grupo deve ser orientado a tentar imaginar e/ou reproduzir o cotidiano de um indivíduo africano que fora trago para o Brasil como escravo, suas atividades e o contexto de suas criações artísticas, avançar no tempo em diferentes momentos históricos e tentar reconhecer e/ou relacionar estes processos nos artistas contemporâneos, e em suas produções. Esta prática, acompanhada por discussões, pode aproximar todos os envolvidos no projeto da especificidade da arte afro-brasileira.

5. Produção de réplicas ou exemplares inspirados nas obras consultadas, pinturas, esculturas, desenhos e outros, a serem expostas pelos arte/educandos, com possibilidade de uma oficina onde cada turma auxiliaria a outra na produção em conjunto. Esta produção vai atender separadamente ao desenvolvimento de cada estilo, área e/ou artista escolhido por cada grupo, tendo produções individuais e coletivas unidas pela temática africana.

*Orientações – A recriação das obras deve ser acompanhada de perto pelo arte/educador, que pode atentar para os diferentes materiais utilizados nas réplicas das obras de acordo com o tempo a que pertençam, a forma, cores, movimentos e outros aspectos igualmente importantes. Ele deve estimular os arte/educandos a reconhecer nas obras reproduzidas que elementos são africanos, europeus ou indígena, além de propor que eles reconheçam estes elementos em objetos do seu dia a dia.

6. Exposição dos objetos na escola, com possibilidade de abertura com algum artista regional, expondo e comentando sobre as artes visuais, iniciando o “apreciar artístico” que seria mais completo com as atividades extras.

*Orientações – A exposição dos objetos deve ser um evento que envolva todos os

membros da escola, de forma que a estrutura física seja preparada e decorada, para receber os alunos e demais pessoas que possam visitar a exposição. A exposição de cada grupo deve ser bem preparada e feita de forma dramatizada, ou seja devem encenar suas explicações com propriedade conduzindo os expectadores para o universo de criação de cada obra.

7. Debate com alunos de séries diferentes sobre os resultados do trabalho elaborado sobre Artes visuais e Afro-brasilidades, com produção de trabalhos escritos.

*Orientações – É importante que cada arte/educando possa fazer um paralelo da ideia que possuía de arte afro-brasileira antes e depois da execução do projeto, expressando suas impressões suas críticas e seu aprendizado. O arte educador deve atentar para alguma ideia, sobre a temática, que não tenha sido bem compreendida e esclarece-la.

8. Encerramento do projeto com uma feira de Artes visuais e Afro-brasilidades, contando com pintura, fotografia, desenho, gravura, dança, teatro e exibição de filmes em telão, tudo feito pelos alunos, com possibilidade de mobilização da comunidade, familiares, amigos, e pessoas interessadas, para o espaço escolar.

*Orientações – Todas as etapas do projeto devem ser documentadas e arquivadas para eventuais pesquisas e/ou consultas e para que, quando o projeto for repetido os alunos possam ir sempre além do que foram não ignorando o conhecimento já produzido por eles e/ou pelos colegas.

Atividades Extra



FIGURA 08 – Capa do livro: Uma Visita ao Museu Afro Brasil

1. Seria de valor inestimável, que as turmas envolvidas no projeto, pudessem visitar o Museu Afro Brasil, localizado no Parque do Ibirapuera em São Paulo, para um contato mais direto com a arte, a história e a cultura Afro-brasileira, porém tal proposta dependeria da localização da escola, da disponibilidade financeira e de tempo, de alunos e professores.

2. Como segunda opção de excursão, poderia ser escolhida alguma cidade com um histórico rico nesta temática, onde os arte/educandos poderiam entrar em contato direto com a arte e a história, ou ainda uma visita a comunidades quilombolas com o mesmo objetivo. Essas duas opções talvez sejam mais possíveis de se concretizar levando em conta que não haveria necessidade de uma viagem interestadual, mas nada impede de que todas as opções sejam feitas.

As duas atividades extras seriam uma forma mais rica de proporcionar ao arte/educando um “apreciar artístico”.

Considerações Finais

Este trabalho foi uma tentativa de se produzir material e conhecimento no Ensino de Artes Visuais. Estabelecendo um diálogo entre duas áreas do conhecimento: a Cultura Afro-Brasileira e as Artes Visuais.

Investigar as relações entre essas áreas do saber, teve o objetivo de fornecer material e bases mais sólidas para o ensino, aprendizado e prática das artes visuais nas escolas. Além de reforçar os elementos que compõem a identidade do povo brasileiro, elevando ao pé de igualdade, culturas que apesar de ricas, são consideradas menores ou menos expressivas e por isso são marginalizadas, o que impede muitas vezes a aquisição de um conteúdo estético mais amplo ou rico.

O universo das artes é composto por constelações de conteúdos e temáticas variadas, uma delas é a expressão das afro-brasilidades nas artes visuais, que encerram parte da história e da identidade dos brasileiros, além de um rico conteúdo estético, capaz de ser indefinidamente explorado sem se esgotar e, onde o arte/educador e o arte/educando poderão perceber que a história da arte é mais que fatos, é o entendimento do que se passava ao redor do artista enquanto ele concebia seu trabalho, ou seja, sua realidade sociocultural; que apreciar é mais que traduzir, é se sensibilizar diante da interação da obra com a realidade e da obra com o observador, em significados construídos simultaneamente em um e em outro, mas que isso só é possível em um contato direto com o objeto artístico, muitas vezes mediada pelo arte/educador; que o fazer é mais que a criação de um objeto, é a possibilidade de trilhar o caminho do artista, que eles passam a ser, ao construir a verdadeira ferramenta de interação com a obra de arte, a prática, que vai criar no arte/educando a compreensão do fazer artístico em suas múltiplas expressões.

Ao ressaltar neste trabalho a riqueza e o valor das afro-brasilidades em diálogo com as artes visuais pude perceber que as possibilidades de caminhos, direções e formas de conduzir o arte/educando pelas veredas da arte são inesgotáveis e encantadoras, um convite à conhecer o mundo, partindo de sua realidade, por meio de outros sentidos e com uma outra percepção.

O contato com os conteúdos deste curso, bem como a elaboração deste trabalho, foram muito importantes e úteis, pois me abriram portas e janelas de compreensão dos processos e caminhos em que ocorrem ou se dão os conhecimentos no Ensino de Artes Visuais e em arte de forma geral, além de

possibilitar perceber novos pontos cardeais de orientação em relação ao construir, ao contemplar, ao perceber, ao reconhecer e ao ensinar arte.

Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. História da Biblioteca Nacional. Artigo: com quantos escravos se constrói um país? 17-12-2008.
- BRASIL. Constituição (1988) Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2004.
- BOTELHO, DENISE. A história Africana nas Escolas. São Paulo: Editora Scipione, 1999.
- CALDAS, Waldenir. Literatura da Cultura de Massa. São Paulo, editora Musa, 2000.
- COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo, editora brasiliense, 1995
- CONDURU, ROBETO. Arte Afro-Brasileira. São Paulo, editora C / ARTE. 2007
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004.
- CUNHA, JOSÉ AURI. Iniciação à Investigação Filosófica. São Paulo: Atual, 1992.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, NILMA LINO. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade: in: Cavalleiro, Eliana (org.). Racismo e anti-racismo na Educação: Repensando nossa escola. São Paulo: São luiz, 2001.
- KI-ZERBO, Joseph. História da África negra. 3.ed.publicações. portugal: Europa-América, 1999,431p.
- MENDES, ANTONIO. Brasil Historia, Colônia. Brasília: Editora brasiliense,1979, 300p.
- MOURA, CLÓVIS. O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel: São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1976.
- MURARI, GEOVANI. Artigo: Negro Quem te Amaldiçoou? Revista de Cultura, Editora Vozes,janeiro 1988.
- PAIVA, Eduardo França. Escravos e libertos nas minas gerais no século XXVIII: estratégias de resistência através dos testamentos. São Paulo:Annablume, 1995.240p.
- RATTS, ALEX. Educação Africanidades Brasil. São Paulo: Editora Scipione, 1989.187p.
- REIS, LIANA MARIA. África-Brasil, Brasil-África. Editora PUC Minas, 2008.
- REY, SANDRA.Por uma Abordagem Metodológica da pesquisa em Artes Visuais. Universidade/UFRGS,Porto Alegre, 2002.
- SALES, HELOISA M. O Ensino da arte e sua história. São Paulo: MAC 1990.
- SANTANNA,RENATA.Saber e ensinar arte contemporânea.Panda Books, 2009.
- SOUZA, MÔNICA LIMA E. História da Biblioteca Nacional. Artigo:Angola é Aqui, nossa história Africana.17-12-2008.

Sites

<http://alfabetizacaomagica-dressa.blogspot.com/2010/11/museu-afro-brasil.html> Acessado em 19/09/2011 às 20: 00 hs

<http://amigosdecolares.blogspot.com/2010/07/lula-sanciona-estatutoda-igualdade.html> Acessado em 19/09/2011 às 20: 00 hs

<http://diariodeumaangolanalaninha.blogspot.com/2011/08/conhecendo-melhor-angola.html> Acessado em 19/09/2011 às 20: 00 hs

<http://www.flickr.com/photos/helenajansen/3585358648/> Acessado em 19/09/2011 às 20: 00 hs

<http://manmessias21.blogspot.com/2010/11/educacao-municipal-de-sertaozinho.html> Acessado em 19/09/2011 às 20: 00 hs

http://navparque.blogspot.com/2010_04_01_archive.html Acessado em 19/09/2011 às 20: 00 hs

<http://oultimolampejodocrepusculo.blogspot.com/2011/07/machado-de-assis-atualissimo.html> Acessado em 19/09/2011 às 20: 00 hs

<http://portalliteral.terra.com.br/artigos/arthur-bispo-do-rosario> Acessado em 19/09/2011 às 20: 00 hs

Referências das Imagens

Figura 1 - <http://www.flickr.com/photos/helenajansen/3585358648/> Aceso em 22/08/2011

Figura 2 - <http://portalliteral.terra.com.br/artigos/arthur-bispo-do-rosario> Aceso em 17/09/2001

Figura 3 - <http://diariodeumaangolaninha.blogspot.com/2011/08/conhecendo-melhor-angola.html> Aceso em 09/09/2011

Figura 4 e 5 - Livro de visita ao museu Afro Brasil (2011, p. 4 e p. 27)

Figura 6 - <http://amigosdecolares.blogspot.com/2010/07/lula-sanciona-estatuto-da-igualdade.html> Aceso em 17/09/2001

Figura 7 - <http://oultimolampejodocrepusculo.blogspot.com/2011/07/machado-de-assis-atualissimo.html> Aceso em 21/09/2011

Figura 8 - <http://alfabetizacaomagica-dressa.blogspot.com/2010/11/museu-afro-brasil.html> Aceso em 21/09/2011